

---

## Crônica e reportagem: da narrativa literária à jornalística<sup>1</sup>

Mila Leal Correia Melo<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA

### Resumo

Esta comunicação traz um estudo sobre a narração em textos literários e jornalísticos. Para isto foram selecionados os gêneros crônica e reportagem. A análise foi feita a partir dos textos “A menina Silvana”, de Rubem Braga (1945), e “Jovem infrator preso vence concurso nacional de poesias”, do repórter Marcelo Canellas (2014). Para examinar estes textos foram utilizadas as concepções teóricas de autores como Walter Benjamin (1987), Afrânio Coutinho (2003), Lígia Chiappini Moraes Leite (2001) e Ilka Laurito (1993). O estudo apontou que, em um sentido mais amplo, as narrativas literária e jornalística, apesar de diferentes linguagens, possuem elementos comuns que levam o leitor/ telespectador a refletir sobre o assunto abordado.

**Palavras-chave:** Narração; Reportagem; Crônica; Marcelo Canellas; Rubem Braga.

### Introdução

O homem está o tempo todo contando histórias e compartilhando informações. O relato de fatos e acontecimentos pode ser feito através das linguagens escrita e falada. Em ambas, a narração é ferramenta utilizada e o narrador é elemento que ganha destaque por ser o condutor da história. Na narrativa oral quem autentica o que está sendo contado é o próprio narrador e não há como confundir-lo. Já na escrita o narrador pode ser, por exemplo, um observador ou um personagem. Outros elementos como tema, acontecimento, personagens, tempo, espaço e enredo também compõem a narrativa.

Literatura e jornalismo são exemplos de áreas do conhecimento que utilizam a narração para comunicar. Autores e repórteres precisam dos mesmos elementos para construir os textos. Entretanto, enquanto na literatura não há um compromisso com a verdade e o autor precisa criar mecanismos para que o leitor possa enxergar as coisas, no jornalismo os fatos registrados são reais e devem ser transmitidos com objetividade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 8 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (Unijorge). Especialista em Gestão da Comunicação Organizacional Integrada (UFBA). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: [milamelo@gmail.com](mailto:milamelo@gmail.com).

---

Neste sentido, este estudo aborda como as histórias são narradas na literatura e no jornalismo a partir da análise de textos do escritor Rubem Braga e do jornalista Marcelo Canellas. Para isso, foram selecionadas a crônica “A menina Silvana”, de Rubem Braga, publicada no livro *Com a FEB na Itália* (1945), e a reportagem “Jovem infrator preso vence concurso nacional de poesias”, de Marcelo Canellas, exibida no programa *Fantástico*, da Rede Globo, no dia 21 de agosto de 2017.

### **Narrativa, crônica e reportagem**

O saber pode vir em forma de narrativa. As histórias fazem parte da vida do indivíduo desde a infância e são utilizadas, dentre outras coisas, para proporcionar uma compreensão sobre o mundo. O quê e como uma história é narrada é que a diferencia das demais e provoca o interesse do ouvinte/leitor. Sendo assim, a maneira de contar é muitas vezes mais interessante do que a própria história. Entretanto, para Walter Benjamin (1987, p. 197) “[...] são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” e isto, segundo o mesmo autor, se deve a falta de intercâmbio de experiências.

Ainda para Benjamin, a experiência de pessoa a pessoa é a fonte de todos os narradores e “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (1987, p. 198). Desta forma, nas narrativas escritas os textos que se aproximam da realidade e que transmitem uma sensação de verdade são os que despertam mais sentimentos e fazem com que o leitor se aproprie do que está sendo contado:

[...] Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Assim, as histórias reais ou de ficção precisam levar o ouvinte/ leitor para o tempo e o lugar em que estão sendo narradas. Segundo Massaud Moisés, “[...] a narração consiste no relato de acontecimentos ou fatos, envolvendo, por conseguinte, a

ação, o movimento e o transcorrer do tempo” (2013, p. 324). Para Lígia Chiappini Moraes Leite (2001, p. 6), “quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou”. Neste sentido, essas experiências narradas podem gerar uma sensação de aproximação e verossimilhança e transmitir para o ouvinte/ leitor mais do que uma simples informação:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1987, p. 205).

A crônica é um exemplo de narrativa que transmite mais do que uma simples informação. Ilka Laurito (1993) destaca o valor deste gênero literário e define os cronistas como narradores da história, pois através das crônicas os acontecimentos de uma sociedade e de uma época ficam registrados. “Num sentido genérico, usa-se a palavra **crônica** para indicar, até hoje, o registro da feição de uma comunidade e de uma época, as memórias de um passado que se quer fixar” (LAURITO, 1993, p. 14, grifo da autora). São textos que resgatam experiências e assuntos do cotidiano e são contados de uma forma que integram oralidade e escrita.

O conceito de crônica mudou de sentido ao longo do tempo. Na Idade Média e no Renascimento tinha o caráter de relato histórico; no século XIX passou a estar ligado ao jornalismo, um gênero que só era publicado em periódicos. Era no rodapé do jornal, em um espaço denominado folhetim, que o leitor tinha acesso a textos de variedades e romances em capítulos. Foi a partir dessas publicações que a definição de crônica se estendeu à literatura:

[...] “crônica” passou a significar outra coisa: um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. “Crônicas” são pequenas produções em prosa, com essas

---

características, aparecidas em jornais ou revistas. (COUTINHO, 2003, p. 121).

Para Marcelo Bulhões, “[...] No século XIX e início do XX, muitas páginas de grandes jornais faziam conviver pacificamente as narrativas que representavam o mundo dos chamados fatos verídicos com as narrativas de um mundo imaginado” (2007, p. 83). O autor ainda afirma que a crônica é um gênero híbrido, que é ao mesmo tempo jornalístico e literário. Entretanto, aos cronistas é permitido o descompromisso com a realidade e com a divulgação urgente dos acontecimentos da atualidade.

Segundo Moisés (1998, p. 105), a crônica também está relacionada à reportagem porque “[...] em toda crônica, por conseguinte, os indícios de reportagem situam-se na vizinhança, quando não em mescla com os literários; e é a predominância de uns e de outros que atrairá o texto para o extremo do jornalismo ou da literatura”. Assim, o gênero jornalístico que mais se aproxima desse distanciamento da urgência da informação no jornalismo é a reportagem. Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 9), a reportagem é “lugar por excelência da narração jornalística” e como uma narrativa possui personagens, ação dramática e descrições de ambiente, mas separa-se da literatura porque tem compromisso com a objetividade informativa:

[...] a narrativa não é privilégio da arte ficcional. Quando o jornal diário noticia um fato qualquer, como um atropelamento, já traz aí, em germe, uma narrativa. O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (quem, o quê, como, quando, onde, por quê) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11).

Entretanto, para Benjamin (1987, p. 203) a arte de narrar está em declínio e isso se deve à difusão da informação porque, de acordo com esse autor, recebemos todos os dias notícias e com isso as histórias deixaram de ser surpreendentes. “[...] quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações”. Entretanto, o gênero jornalístico reportagem diferencia-se porque não anuncia apenas o acontecimento, como

---

as notícias, mas dedica-se a detalhar os fatos, a trazer motivações e a construir uma narrativa que envolva o leitor, o ouvinte ou o telespectador fazendo com que estes se entreguem à história que está sendo contada.

### **Contadores de histórias**

Os autores de crônicas e de reportagens buscam nos textos narrar histórias que sejam do interesse humano. São fatos e acontecimentos sobre diversos temas que retratam recortes do cotidiano. As narrativas podem até trazer assuntos que já são conhecidos do público, mas apresentam novos olhares e reflexões sobre o tema que está sendo abordado. As linguagens literária e jornalística são diferentes, entretanto, podem em determinadas narrativas ter similaridades. Para Afrânio Coutinho (2003), a crônica e a reportagem são gêneros que se aproximam:

A crônica que não seja meramente noticiosa, é uma reportagem disfarçada ou antes uma reportagem subjetiva e às vezes mesmo lírica, na qual o fato é visto por um prisma transfigurador. Em consequência, o fato que é para o repórter em geral um fim, para o cronista é um pretexto. Pretexto para divagações, comentários, reflexões do pequeno filósofo que nele exista (COUTINHO, 2003, p. 134).

Um exemplo de crônica que se aproxima da reportagem é *A menina Silvana*, de Rubem Braga. O texto, que foi escrito em 1945 quando o autor era correspondente de guerra na Itália<sup>3</sup>, traz a história de uma garota de 10 anos que foi atingida por estilhaços de uma granada. O narrador, em primeira pessoa, apresenta a personagem informando nome, sobrenome e idade e também descreve o momento em que ela é encontrada:

Os médicos e os enfermeiros, acostumados a cuidar rudes corpos de homens, inclinavam-se sob a lâmpada para extrair os pedaços de aço que haviam dilacerado aquele corpo branco e delicado como um lírio - agora marcado de sangue. A cabeça de Silvana descansava de lado, entre cobertores. A explosão estúpida poupou aquela pequena cabeça

---

<sup>3</sup> A segunda Guerra Mundial ocorreu entre os anos de 1939 e 1945. Rubem Braga foi correspondente entre 1944 e 1945 pelo jornal *Diário Carioca* e os textos escritos neste período foram publicados na obra *Com a FEB na Itália* (1945).

---

castanha, aquele perfil suave e firme que Da Vinci amaria desenhar. Lábios cerrados, sem uma palavra ou um gemido, ela apenas tremia um pouco - quando lhe tocavam num ferimento contraía quase imperceptivelmente os músculos da face (BRAGA, 2016, p. 55).

Apesar destas descrições, o que caracteriza o texto de Rubem Braga são suas reflexões e comentários sobre o que estava vivenciando em um campo de guerra. O narrador relata outros fatos como o das meninas que “mendigam na entrada dos acampamentos” e os “massacres lentos e frios de outros seres” (BRAGA, 2016, p. 56), mas todos são acompanhados de divagações sobre o valor da vida e os sacrifícios que a guerra provoca na vida das pessoas, como a da menina Silvana. Braga esclarece no texto que a história da garota não é o ponto central:

Mas conto a história sem enredo dessa menina ferida. Não sei que fim levou e se morreu ou está viva, mas vejo seu fino corpo branco e seus olhos esverdeados e quietos. Não me interessa que tenha sido inimigo o canhão que a feriu. Na guerra, de lado a lado, é impossível, até um certo ponto, evitar essas coisas. Mas penso nos homens que começaram esta guerra e nos que permitiram que eles comessem (BRAGA, 2016, p. 56).

A crônica tem uma aparência de conversa entre o narrador e o leitor e isto se deve à linguagem utilizada. Jorge de Sá (1994, p. 15) afirma que “[...] todo fato narrado é, antes de tudo, uma textualização da realidade tal como é vista e vivida pelo artista [...]”. Assim, é um texto extraído de uma realidade, mas com impressões de um indivíduo que é o próprio narrador. Para Nilson Lage (2006, p. 56), nas reportagens também há interpretação. Este autor esclarece que os fatos precisam ser respeitados, mas que o leitor, ouvinte ou telespectador pode avaliar a partir de seus próprios valores.

Um texto jornalístico que reflete essa questão é a reportagem *Jovem infrator preso vence concurso nacional de poesias*, do repórter Marcelo Canellas, veiculada no programa semanal Fantástico, da Rede Globo. A história contada pelo jornalista é a de um adolescente de 17 anos em conflito com a lei que ao escrever sobre o seu cotidiano ganhou a Olimpíada da Língua Portuguesa. Nesta narração o jornalista preocupa-se com dois elementos: “quem” e o “o quê”, que para Sodré e Ferrari (1986, p. 14) são

essenciais: “[...] Na reportagem, estes dois elementos têm de existir, mas têm, sobretudo, de despertar interesse humano – ou não serão suficientes para sustentar a problemática narrativa”. Marcelo Canellas descreve o personagem central da seguinte maneira:

*MARCELO CANELLAS:* O autor desses versos é um jovem de 17 anos que divide esta cela com outros cinco adolescentes. É a terceira vez que ele é apreendido. Na primeira, tinha apenas 13 anos.

*JOVEM SEM IDENTIFICAÇÃO*<sup>4</sup>: Aconteceu um imprevisto de eu ir pela cabeça de um colega, tal... Aí aconteceu de eu vir preso...

*MARCELO CANELLAS:* Mas o quê que aconteceu?

*JOVEM SEM IDENTIFICAÇÃO:* Foi uma infração no tráfico.

*MARCELO CANELLAS:* De tráfico?

*JOVEM SEM IDENTIFICAÇÃO:* Isso.

*MARCELO CANELLAS:* Depois foram mais duas restrições de liberdade por tráfico, como é chamada essa medida pela lei brasileira. Mas para ele que já cumpre esta última há um ano e dois meses o significado real é outro (CANELLAS, 2014).

As histórias de Rubem Braga e Marcelo Canellas retratam, em períodos diferentes, conflitos que afligem a sociedade: uma guerra (na década de 40 do século passado) e o tráfico de drogas (atualmente). Enquanto na crônica Braga narra o que viu, viveu e testemunhou, e até mesmo o que desejou, a narrativa de Canellas é construída a partir do que os personagens contam e também do que o jornalista viu e testemunhou. O que as diferenciam é que na narrativa jornalística a opinião do repórter sobre a história que está sendo contada não é explícita. Entretanto, é uma modalidade textual que permite ao leitor/ouvinte/telespectador refletir sobre o que está sendo narrado. Para isto, na reportagem que é objeto deste estudo o repórter utiliza, por exemplo, os versos produzidos pelo jovem infrator para levar o telespectador a refletir sobre a vida do interno:

*MARIA DA PENHA DA SILVA (professora):* O meu trabalho diário é esse de eles acreditarem que... No potencial que eles têm.

*MARCELO CANELLAS:* Foi então que ela falou de poesias aos alunos.

---

<sup>4</sup> O direito à preservação da imagem e da identidade está garantido no Estatuto da Criança e do Adolescente.

---

*JOVEM SEM IDENTIFICAÇÃO*: Ela não propôs prêmio. Ela não propôs viagem. Ela não falou nada. Era para escrever.

*MARCELO CANELLAS*: E o garoto escreveu.

*Vida em transição*

*Viver na Fundação não é bom.*

*Bom é ser livre, em toda situação.*

*Acordo e vejo grades, meu peito dói de verdade.*

*MARIA DA PENHA DA SILVA (professora)*: Quando eu peguei o texto, ele foi um dos primeiros a entregar, eu olhei o texto e falei “nossa que texto bom”.

*MARCELO CANELLAS*: Então veio a ideia de inscrever o poema na Olimpíada da Língua Portuguesa (CANELLAS, 2014).

Nos diálogos entre o jornalista e os personagens a opinião do narrador sobre o tema não é demonstrada da mesma forma que Rubem Braga faz na crônica *A menina Silvana*, mas podem direcionar o telespectador para uma reflexão sobre o que está sendo contado. Nesta reportagem de Marcelo Canellas a narrativa é de um adolescente preso pela terceira vez e chama a atenção para o envolvimento dos jovens com o tráfico de drogas, mas traz também outro olhar para este tipo de situação quando recorta a história a partir da relação do personagem com a poesia.

Na crônica de Rubem Braga e na reportagem de Marcelo Canellas é possível identificar os elementos da narrativa: tema, acontecimento, narrador, personagens, tempo, espaço, autor e enredo. O que as diferencia é a forma que as histórias são narradas. O cronista utilizou apenas uma personagem para construir o texto e o enredo desta não é desenvolvido, mas é pretexto para refletir sobre o que estava sendo vivenciado. Já na reportagem o personagem ganha destaque, mas tempo e lugar não são determinantes para a mensagem que a narrativa quer passar.

### **Considerações finais**

Crônica e reportagem são narrativas que possuem linguagens diferentes, mas que utilizam os mesmos elementos para contar uma história. Cronistas e repórteres são autores que tiram do cotidiano temas, acontecimentos e personagens que vão compor o enredo da narrativa. No texto jornalístico há um compromisso com a objetividade e com a realidade, ao contrário da narrativa literária que apesar de não ter esse compromisso precisa atrair o leitor e isto ocorre quando o que está sendo narrado se aproxima da realidade.



---

Na crônica há espaço para divagações e reflexões do autor, que pode ser ou não o narrador. Na reportagem quem narra é o jornalista que precisa transmitir a informação com objetividade e pode levar o público a refletir sobre o que está sendo contado. Neste sentido, nota-se que há uma aproximação entre estes dois gêneros, apesar das especificidades de cada narrativa. Na crônica há mais liberdade do que na reportagem, porém em ambas é preciso contar histórias que sejam do interesse humano.

## Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskow. In: \_\_\_\_\_ **Magia e técnica, arte e poética**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas**. 38. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CANELLAS, Marcelo. Jovem infrator preso vence concurso nacional de poesias, **Fantástico**, TV Globo, 21 dez. 2014. [TV]

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. Ensaio e crônica. In: \_\_\_\_\_ **A Literatura no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Global, 2003.

LAURITO, Ilka. História. In: BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo** (ou a polêmica em torno da ilusão). 10. ed. São Paulo, SP: Ática, 2001. 96 p.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. Prosa – II. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

SÁ, Jorge de. **Rubem Braga**. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

---

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.